

DA AUTORA BESTSELLER DE
A RAPARIGA NO COMBOIO
23 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

UM FOGO LENTO

PAULA
HAWKINS

OLHA SÓ O QUE FIZESTE



Elogios a *Um Fogo Lento*

«As imperfeições de cada uma das personagens irão cativar e surpreender o leitor, e só uma vidente conseguiria prever aquele final.»

The New York Times

«Uma história arrebatadora em que os leitores testemunharão coragem e engenho onde menos se espera, vingança gratificante que não parecia ser possível, e redenção que tarda dolorosamente em chegar. Este livro coloca Paula Hawkins ao mesmo nível da enorme Ruth Rendell. Repleto de cenas incríveis, até pode arder em fogo lento, mas é abrasador.»

Kirkus Reviews

«*Um Fogo Lento* tem todas as reviravoltas que um grande thriller deveria ter, mas é também profundo, inteligente e imensamente humano. Paula Hawkins é uma digna herdeira de Patricia Highsmith.»

Lee Child

«Provavelmente o melhor livro de Paula Hawkins.

Um Fogo Lento é soberbo.»

Harriet Tyce, autora bestseller internacional de *Laranja de Sangue*

«Um olhar inflexível sobre os danos causados pela dor, pela perda e pela traição, e a vingança e o castigo que se lhes seguem. Com um enredo envolvente e intricado, foi das suas mulheres imperfeitas e totalmente credíveis, do seu fervor e da inteligência das suas vozes irreverentes que eu mais gostei.»

Sarah Vaughan, autora bestseller internacional
de *Anatomia de um Escândalo*

«*Um Fogo Lento* arrebatou-me com o seu elenco multigeracional de mulheres e o modo brilhante como aquelas vidas danificadas evocam compaixão.»

Fiona Barton, autora bestseller internacional

Este livro é dedicado à memória de Liz Hohenadel Scott,
cujo fulgor tornou o mundo um lugar mais caloroso.
A sua falta será sentida para sempre.



Upper Street

Essex Road

DE BEAUVOIR
TOWN

Lonsdale
Square

ISLINGTON



Casa de Carla



Casa de Theo

Regent's Canal

New North Road

Shoreditch
Park

Angel

Ponte da Danbury
Street

City Road

Prédio
de Laura



Lavandaria de Laura



Casas de Angela
e de Irene

Sekforde
Arms

Igreja de
St James



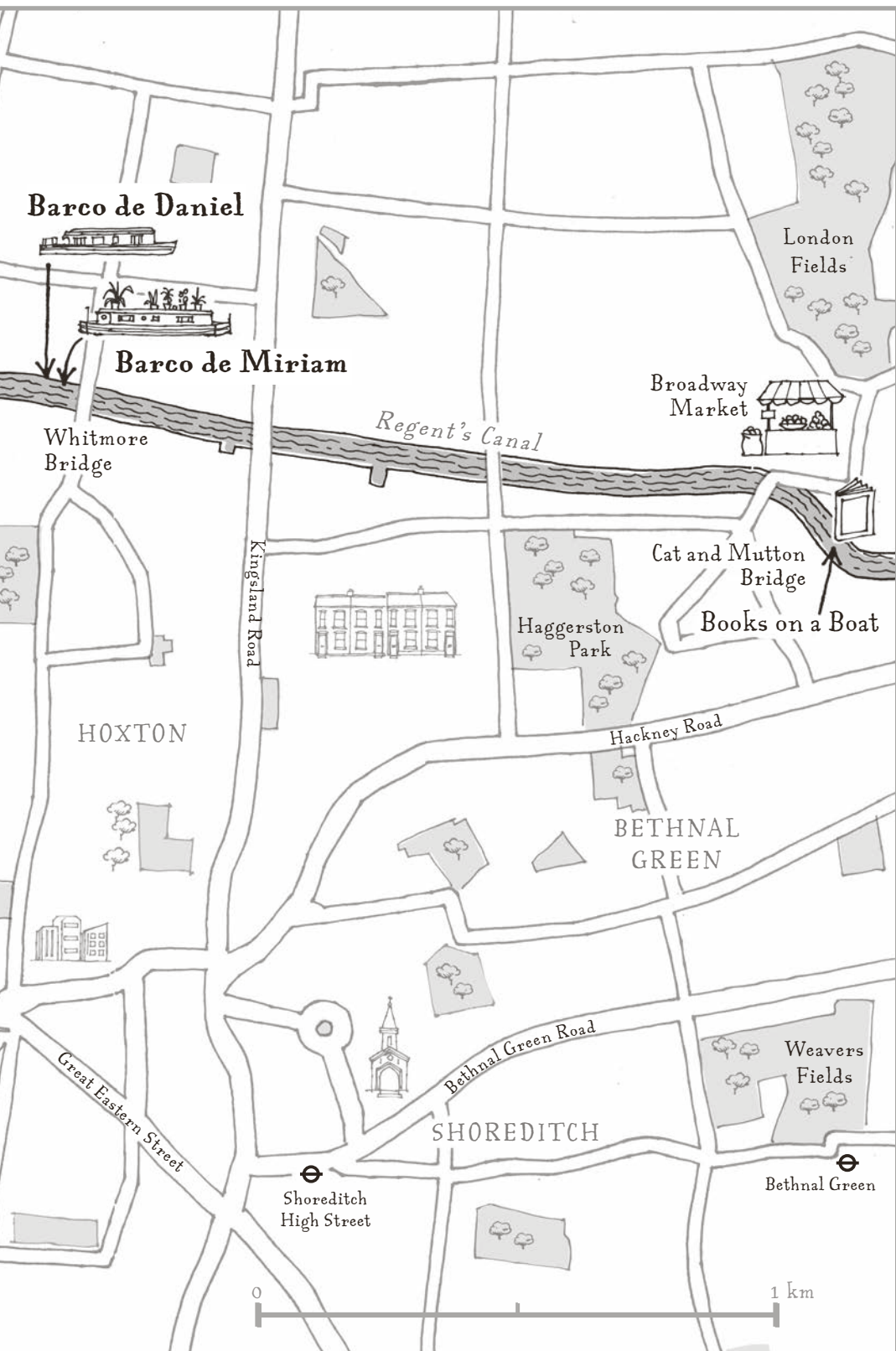
Hayward's
Place

Clerkenwell Road

Old Street

Esquadrada da Polícia de Holborn





«Uns nascem para serem aves carniceiras
e outros para serem circundados.»

My History As, Emily Skaja

Ensopada em sangue, a rapariga cambaleia pela escuridão adentro. A sua roupa está num desalinho, pendendo-lhe do corpo jovem, revelando zonas de pele pálida. Falta-lhe um sapato, o pé sangra-lhe. Está em agonia, mas a dor tornou-se inconsequente, eclipsada pelos seus outros sofrimentos.

O seu rosto é uma máscara de horror, o coração ribomba como um tambor, a respiração parece o ofegar afetado de uma raposa escondida na toca.

O silêncio da noite é interrompido por um zunido abafado. Um avião? Limpando o sangue dos olhos, a rapariga ergue o olhar para o céu, vendo somente estrelas.

O zunido soa mais alto, mais surdo. Um carro a trocar de mudança? Terá ela alcançado a estrada principal? O seu coração ganha ânimo e, algures no seu íntimo, ela encontra forças para correr.

Sente a luz atrás de si. Sente a sua silhueta iluminada na escuridão e sabe que o carro vem de um ponto algures atrás de si. Vem da quinta. Vira-se.

Ela sabe, mesmo sem ver, que ele a encontrou. Sabe, mesmo sem ver, que será o rosto dele que estará ao volante. Fica paralisada. Hesita, por instantes, e depois sai da estrada, desata a correr e atira-se para uma vala, passando por cima de uma vedação de madeira.

Corre pelo terreno adjacente, às cegas, caindo, tornando a levantar-se, sem emitir um único som. De que lhe serviria gritar?

Quando ele a alcança, agarra-a pelos cabelos e puxa-a para o chão. Ela sente o odor do hálito dele. Sabe o que ele irá fazer-lhe. Sabe o que aí vem porque já o viu a fazê-lo — viu-o a fazê-lo à sua amiga, viu a forma animalesca com que ele...

— Oh, francamente — murmurou Irene, fechando o livro com força e atirando-o para a pilha destinada à loja de caridade.
— Um autêntico lixo!

1

Na sua cabeça, Laura ouviu Deidre a dizer-lhe: «O teu problema, Laura, é fazeres péssimas escolhas.»

Podes crer, Deidre. Não era propriamente algo que Laura esperasse dizer ou sequer pensar, mas, ali parada na casa de banho, a tremer incontrolavelmente, o sangue, quente e insistente, a brotar-lhe em golfadas do corte no braço, tinha de admitir que a Deidre imaginária acertara em cheio. Inclinou-se para a frente, com a testa encostada ao espelho para não ter de se olhar nos olhos. Porém, olhar para baixo era ainda pior, pois, nessa posição, via o sangue a jorrar de dentro de si, provocando-lhe tonturas, dando-lhe vontade de vomitar. Tanto sangue. O corte era mais profundo do que julgara; devia ir às urgências. Mas nem pensar que o faria.

Péssimas escolhas.

Quando, por fim, as golfadas de sangue pareceram abrandar, despiu a t-shirt e largou-a no chão, tirou as calças de ganga, as cuecas, desenvencilhou-se do soutien, arquejando com os dentes cerrados quando o arame raspou no corte, proferindo:

— Foda-se! Foda-se, e mais foda-se!

Largou o soutien também no chão, entrou na banheira e abriu o chuveiro, deixando-se ficar, ainda a tremer, sob o gotejar miserável da água a ferver (o seu duche oferecia-lhe as

opções de muito quente ou muito frio; não havia um meio-termo). Com as pontas dos dedos encarquilhadas, acariciou as cicatrizes, belas e brancas: anca, coxa, ombro, nuca.

— *Aqui estou eu* — murmurou em surdina para si própria.
— *Aqui estou eu.*

Mais tarde, com o antebraço enrolado às três pancadas em papel higiénico e o resto do corpo envolto numa toalha gasta, sentada no horroroso sofá de couro sintético cinzento na sala de estar, Laura telefonou à mãe. A chamada foi diretamente para o voicemail e ela desligou. Não valia a pena gastar dinheiro. Em seguida, telefonou ao pai.

— Está tudo bem, filha? — Ouviam-se ruídos de fundo, a rádio, o programa 5 Live.

— Pai... — Ela sentiu um nó a formar-se-lhe na garganta e engoliu-o.

— Conta coisas.

— Podes vir cá a casa, pai? Eu... eu tive uma noite complicada e queria que viesses aqui um bocadinho. Sei que ainda é uma viagem longa de carro, mas eu...

— *Não, Philip* — soou a voz de Deidre, algures do outro lado da linha, sibilada por entre dentes. — *Temos bridge.*

— Pai? Podes tirar-me de alta-voz?

— Oh, querida, eu...

— A sério, podes tirar-me de alta-voz? Não quero ouvir a voz dela. Dá-me vontade de pegar fogo a tudo...

— Então, Laura...

— Esquece, pai, já não é preciso nada.

— Tens a certeza?

Não, não tenho. Não tenho, não. Não tenho certeza nenhuma.

— Sim, claro. Eu estou bem. Eu fico bem.

A caminho do quarto, pisou o casaco, que largara no chão do corredor com a pressa de chegar à casa de banho. Baixou-se para o apanhar. A manga estava rasgada e o relógio de Daniel ainda se encontrava no bolso. Tirou-o, virou-o e colocou-o no

pulso. O papel higiénico que lhe envolvia o antebraço começou a ficar escarlate, o membro a pulsar delicadamente, com o sangue a jorrar da ferida. Sentia a cabeça a andar à roda. Na casa de banho, largou o relógio no lavatório, arrancou o papel higiénico e deixou cair a toalha ao chão. Voltou a entrar no duche.

Servindo-se de uma tesoura para limpar a sujidade sob as unhas, ficou a observar a água que corria rosada aos seus pés. Fechou os olhos. Ouviu a voz de Daniel a perguntar-lhe: «Qual é o teu problema?» E a voz de Deidre a dizer: «Não, Philip, temos bridge.» E depois a sua própria voz: «Pegar fogo a tudo. Pegar fogo. Pegar fogo pegar fogo pegar fogo.»

2

De 15 em 15 dias, ao domingo, Miriam esvaziava a pequena sanita. Tinha de retirar o depósito (sempre surpreendentemente e desagradavelmente pesado), localizado na parte de trás do barco, atravessar a cabina com ele e sair para o caminho de sirga¹, e depois percorrer uns bons 90 metros até às instalações sanitárias para despejar os dejetos na sanita principal e passar o depósito por água para eliminar quaisquer resíduos. Era um dos aspetos menos idílicos da vida numa destas embarcações estreitas de canal, e uma tarefa que ela gostava de levar a cabo bem cedo, quando ainda não se via ninguém por perto. Havia muito pouca dignidade em carregar a própria merda diante de desconhecidos, de pessoas a passearem o cão ou a correrem.

Do convés traseiro, confirmou se o caminho estava livre — sem obstáculos no trilho, bicicletas ou garrafas (as pessoas conseguiam ser extremamente antissociais, sobretudo aos sábados à noite). A manhã estava luminosa, fria para março, embora os botões brancos nos ramos novos e brilhantes dos plátanos e das bétulas já deixassem adivinhar a chegada da primavera.

¹ Caminho ao longo das margens de um rio ou canal usado para a tração de barcos. [N. T.]

Era uma manhã fria para março, e ainda assim, reparou, as portas da embarcação vizinha encontravam-se abertas, tal como na noite anterior. O que era estranho. Miriam andava para falar com o ocupante daquele barco, um homem novo, sobre o facto de ele estar a exceder o limite de permanência. Encontrava-se no ancoradouro há já dezasseis dias, mais dois dias do que aquilo a que tinha direito, pelo que ela tencionava dar-lhe uma palavrinha sobre seguir viagem, ainda que tal não lhe competisse propriamente; não era sua responsabilidade, mas ela — ao contrário da maioria — já quase fazia parte da paisagem naquele lugar, o que a imbuía de um certo sentido de civismo.

Foi, efetivamente, o que Miriam disse ao inspetor Barker quando ele lhe perguntou, mais tarde: «O que a fez ir lá espreitar?» O inspetor encontrava-se sentado diante dela, os joelhos quase a tocar nos seus, os ombros encolhidos e as costas arqueadas. Um barco-casa não é um ambiente confortável para um homem alto, e ele era muito alto, com uma cabeça que fazia lembrar uma bola de bilhar e uma expressão aborrecida, como se tivesse algo planeado para esse dia, algo divertido, como levar os filhos ao parque, e agora estivesse ali com ela, contrariado.

— Tocou em alguma coisa? — perguntou-lhe ele.

Tê-lo-ia feito? Teria tocado em alguma coisa? Miriam fechou os olhos. Visualizou-se a bater à janela da embarcação azul e branca. À espera de uma resposta, uma voz ou um movimento da cortina. A inclinar-se para a frente quando não obteve qualquer resposta, tentando espreitar o interior da cabina, tarefa algo dificultada pela cortina de rede e pelo que parecia ser uma década de sujidade da cidade e do rio agarrada ao vidro. A bater mais uma vez e depois, ao fim de alguns instantes, a subir para o convés traseiro. A dizer: «Bom dia! Está alguém em casa?»

Viu-se a abrir a porta da cabina muito lentamente, sentindo um odor a algo, um cheiro a ferro, intenso e estimulante. «Bom

dia.» A abrir a porta toda para trás, a descer os poucos degraus que conduziam ao interior da cabina, o seu último «Bom dia» a ficar-lhe preso na garganta, enquanto assimilava o que estava diante de si: um rapaz — não era um rapaz; um homem novo, na verdade — estendido no chão, sangue por toda a parte, um sorriso imenso rasgado no seu pescoço.

Viu-se a cambalear, levando a mão à boca, inclinando-se para a frente por um longo e estonteante momento, estendendo a mão adiante e agarrando-se à bancada. «Oh, meu Deus!»

— Toquei na bancada — disse ao inspetor. — Acho que me agarrei à bancada, mais ou menos ali, no lado esquerdo, quando se entra na cabina. Vi-o e pensei... Quer dizer, senti... senti uma náusea. — O seu rosto ficou ruborizado. — Mas não vomitei, não nessa altura. Lá fora... peço desculpa, eu...

— Não se preocupe — tranquilizou-a Barker, sustentando-lhe o olhar. — Não precisa de se preocupar com isso. E depois, o que fez? Viu o corpo, agarrou-se à bancada...

Miriam ficara impressionada com o cheiro. Subjacente ao sangue, àquela quantidade imensa de sangue, havia algo mais, algo mais antigo, adocicado e repugnante, como lírios deixados demasiado tempo numa jarra. O cheiro e o aspeto dele, impossível de resistir, o seu belo rosto morto, os olhos vidrados emoldurados por pestanas compridas, os lábios carnudos arrepanhados sobre os dentes brancos e direitos. O tronco, as mãos e os braços completamente ensanguentados, as pontas dos dedos sobre o chão, como se ele estivesse a tentar agarrar-se. Quando ela se virara para se ir embora, o seu olhar captara algo no chão, algo deslocado — um reflexo prateado numa poça de sangue pegajosa e a começar a escurecer.

Subira os degraus a cambalear e saíra da cabina, inalando golfadas de ar, cheia de náuseas. Vomitara no caminho de sirga, limpou a boca, gritara: «Socorro! Alguém chame a polícia!» Contudo, era domingo, ainda mal passava das 7h30 e não se via ninguém por perto. O caminho de sirga estava em silêncio,

as estradas lá em cima também estavam tranquilas. Não se ouvia um único som à exceção do vibrar de um gerador e de uma discussão entre galinhas-d'água que passavam, indistintas, ali perto. Erguendo o olhar para a ponte sobre o canal, pareceralhe avistar alguém, por instantes, mas que depois desaparecera, deixando-a sozinha, completamente paralisada de medo.

— Vim-me embora — explicou Miriam ao inspetor. — Saí imediatamente do barco e... telefonei para a polícia. Vomitei, depois corri para aqui e liguei para a polícia.

— Certo, certo.

Quando ela ergueu o olhar, ele estava a observar a divisão, estudando a cabina, pequena e arrumada, os livros sobre o lavatório (*Tudo no Mesmo Tacho, Novas Maneiras de Cozinhar Legumes*), as ervas aromáticas no parapeito, o manjerição e os coentros nos seus recipientes de plástico, o rosmaninho quase seco num vaso de cerâmica vidrada azul. Viu-o a olhar de relance para a estante cheia de livros, com o lírio-da-paz coberto de pó no topo, para a fotografia emoldurada de um casal com um ar afável e uma criança robusta entre os dois.

— Mora aqui sozinha? — perguntou ele, embora não se tratasse realmente de uma pergunta. Ela sabia o que o inspetor estava a pensar: uma solteirona gorda, dessas que gostam de abraçar as árvores, de tricotar os seus próprios iogurtes² e de bisbilhotar a vida dos vizinhos. De meter o nariz onde não são chamadas. Miriam tinha a perfeita noção de como era vista pelas outras pessoas. — E... conhece os seus... vizinhos? Será que podem ser considerados vizinhos? Possivelmente não, uma vez que só estão aqui durante algumas semanas...

Miriam encolheu os ombros.

— Há pessoas que vão e vêm com regularidade; têm uma zona de preferência, uma determinada extensão de água que

² Fusão humorística, e algo pejorativa, entre o tricô e a confeção de iogurtes caseiros, ambos populares entre pessoas que defendem a sustentabilidade e a autossuficiência. [N. T.]

gostam de percorrer, por isso, acabamos por conhecer algumas delas. Se quisermos. Também podemos meter-nos na nossa própria vida, que é o que eu faço.

O inspetor não comentou, limitando-se a fitá-la inexpressivamente. Ela percebeu que ele estava a tentar decifrá-la, que não estava a aceitar tudo o que ela dizia. Não acreditava forçosamente no que ela estava a dizer.

— E ele? O homem que encontrou esta manhã?

Miriam abanou a cabeça.

— Não o conhecia. Vi-o algumas vezes, e trocámos... bom, nem podemos chamar-lhes gentilezas. Eu cumprimentava-o, com um olá, um bom-dia, ou algo do género, e ele respondia. Nada mais do que isso.

(Não era *propriamente* assim. Era verdade que o vira algumas vezes desde que ele atracara, tendo percebido de imediato que se tratava de um novato. A embarcação dele estava desleixada — tinta a escamar, lintéis com ferrugem, a chaminé completamente torta — e ele tinha um ar demasiado limpo para a vida no canal. Roupa limpa, dentes brancos, nada de *piercings* ou de tatuagens. Pelo menos que fossem visíveis. Era um jovem bem-parecido, muito alto, de cabelo escuro, olhos escuros, o rosto definido, angular. Da primeira vez que ela o vira, cumprimentara-o, e ele erguera o olhar e sorrira-lhe, fazendo-lhe eriçar os cabelos da nuca.)

Apercebera-se disso na altura. Não que fizesse tenção de o partilhar com o inspetor. «Assim que o vi, senti algo estranho...» O inspetor iria achar que ela era louca. Fosse como fosse, agora sabia do que se tratara e o que sentira. Não fora premonição, ou algo ridículo desse género: fora *reconhecimento*.

Havia ali uma oportunidade. Esse pensamento ocorrera-lhe quando percebera quem ele era, mas não fizera a mínima ideia de como tirar proveito disso. Agora que ele estava morto, porém, era como se tudo isso tivesse estado predestinado. Serendipidade.

— Sra. Lewis? — O inspetor estava a colocar-lhe uma pergunta.

— Menina — corrigiu Miriam.

Ele fechou os olhos por instantes.

— Menina Lewis. Recorda-se de o ter visto acompanhado? Ou a conversar com alguém?

Ela hesitou e depois assentiu com a cabeça.

— Teve uma visita. Duas vezes, julgo eu. É possível que tenha tido mais do que uma visita, mas eu só vi essa pessoa. Uma mulher, mais velha do que ele, mais próxima da minha idade, talvez na casa dos 50 anos. Cabelo grisalho muito curto. Uma mulher magra, muito alta, com cerca de um metro e oitenta, um rosto angular...

Barker arqueou uma sobrancelha.

— Viu-a bem, portanto?

Miriam tornou a encolher os ombros.

— Sim. Sou uma pessoa muito observadora. Gosto de estar de olho nas coisas. — Mais valia alimentar os preconceitos dele. — Mas ela era o género de mulher em quem toda a gente repararia, bastante vistosa. O corte de cabelo, a roupa... Tinha um ar *abastado*.

O inspetor estava a acenar novamente com a cabeça, tomando nota de tudo, e Miriam tinha a certeza de que ele não demoraria muito a descortinar de quem se tratava.

Assim que o inspetor se foi embora, os agentes da polícia montaram um cordão de segurança, isolando o caminho de sirga entre De Beauvoir e Shepperton, e mandando seguir todas as embarcações exceto a de Daniel (o local do crime) e a de Miriam. Ao início, ainda tentaram convencê-la a não ficar ali, mas ela deixara bem claro que não tinha para onde ir. Onde iriam eles hospedá-la? O agente com quem ela falara, um jovem borbulhento de voz esganiçada, parecera ficar perturbado com essa transferência de responsabilidade dos ombros dela para os

seus. Erguera o olhar para o céu e baixara-o para a água, contemplando o canal de uma ponta à outra e depois tornando a fitá-la, aquela mulher de meia-idade, baixa, gorda e inofensiva, acabando por ceder. Comunicara com alguém através do rádio e depois regressara para a informar de que poderia ali ficar. «Pode entrar e sair do seu próprio... hum... *local de residência*, mas não mais do que isso», dissera-lhe ele.

Nessa tarde, Miriam sentou-se no convés traseiro da sua embarcação, sob a luz pálida do Sol, a desfrutar da tranquilidade pouco usual do canal, agora vedado ao público. Com uma manta sobre os ombros e uma chávena de chá pousada junto ao cotovelo, ficou a observar os polícias e os peritos forenses a andarem de um lado para o outro, trazendo cães e barcos, esquadrinhando o caminho de sirga e toda a zona envolvente, remexendo na água turva.

Sentia-se estranhamente tranquila, tendo em conta o dia que tivera, otimista até, perante a ideia das novas oportunidades que se lhe apresentavam. Dentro do bolso do casaco de malha, apalpou a pequena chave no porta-chaves, ainda pegajosa de sangue, a que apanhara do chão do barco e cuja existência ocultara do inspetor sem pensar muito no motivo por que o estava a fazer.

Instinto.

Vira-a a cintilar ao lado do corpo do jovem — uma chave. Presa num pequeno porta-chaves de madeira com a forma de um pássaro. Reconhecera-o de imediato: vira-o na presilha das calças de ganga de Laura, da lavandaria. «Laura Louca», como lhe chamavam. Miriam sempre a achara muito simpática e nada louca. Laura, que Miriam vira chegar — embriagada, desconfiava — à deteriorada embarcação de braço dado com o jovem bonito, há quê, duas noites? Três? Decerto anotara a data no seu caderno — idas e vindas interessantes eram precisamente o género de coisa que gostava de apontar.

Ao anoitecer, viu-os a retirarem o corpo da embarcação, subindo os degraus em direção à rua, onde uma ambulância aguardava para o levar. Levantou-se quando passaram à sua frente; por uma questão de respeito, baixou levemente a cabeça e murmurou um pouco crédulo «Vai com Deus».

Sussurrou um «Obrigada» também. Pois, ao atracar o barco perto do dela e tendo depois sido brutalmente assassinado, Daniel Sutherland concedera-lhe uma oportunidade que Miriam não poderia, de forma alguma, deixar escapar: a oportunidade de vingar o mal que lhe fora infligido a ela.

Agora, sozinha, e algo receosa na escuridão e na estranha quietude, entrou na sua embarcação, fechando e trancando a porta atrás de si. Tirou a chave de Laura do bolso e colocou-a na caixa de madeira de bugigangas, que se encontrava na prateleira sobre a estante de livros. Quinta-feira era dia de lavar a roupa. Talvez a devolvesse a Laura nessa altura.

Ou talvez não.

Nunca se sabia o que poderia vir a ser útil, certo?

3

— **S**ra. Myerson... precisa de se sentar? Pronto, pronto. Respire fundo. Quer que liguemos a alguém, Sra. Myerson?

Carla afundou-se no sofá. Depois, curvou-se para a frente, encostando o rosto aos joelhos. Apercebeu-se de que estava a gemer, como um cachorro.

— O Theo — conseguiu dizer. — Liguem ao Theo, por favor. É o meu marido. O meu ex-marido. O número está no meu telemóvel. — Ela ergueu o olhar, perscrutando a sala, à procura do telemóvel. — Não sei onde está. Não faço ideia de onde é que o...

— Tem-no na mão, Sra. Myerson — respondeu-lhe a inspetora, num tom delicado. — Tem o telemóvel na sua mão.

Carla baixou o olhar e viu que assim era: agarrava firmemente o aparelho na mão, que tremia violentamente. Abanou a cabeça, estendendo o telemóvel à inspetora.

— Não estou bem da cabeça — observou.

A inspetora esboçou um leve sorriso, pousando a mão no ombro de Carla por instantes. Depois, levou o telemóvel para o exterior, para fazer a chamada.

O outro inspetor, o inspetor Barker, pigarreou.

— Segundo percebi, a mãe do Daniel já morreu, correto?

Carla assentiu com a cabeça.

— Há seis... não, oito semanas — respondeu, vendo as sobranças do inspetor a erguerem-se quase até ao ponto onde antes teria possivelmente sido a linha do seu cabelo. — A minha irmã caiu — explicou ela — em casa. Não foi... Tratou-se de um acidente.

— E tem o contacto do pai do Daniel?

Carla negou com a cabeça.

— Julgo que não. Ele mora na América há alguns anos. Não tem ligação à família; nunca fez parte da vida do Daniel. É só... — A voz falhou-lhe. Ela respirou fundo e expirou lentamente. — Era só a Angela e o Daniel. E eu.

Barker assentiu com a cabeça. Permaneceu calado, espedado diante da lareira, à espera de que ela se recompusesse.

— Mora aqui há pouco tempo? — perguntou, após o que Carla imaginou ser a ideia dele de uma pausa respeitosa.

Ela ergueu o olhar para ele, confusa. Ele apontou com o comprido indicador para as caixas no chão da sala e as pinturas encostadas à parede.

Carla assoou-se ruidosamente.

— Há seis anos que ando para pendurar esses quadros — respondeu-lhe. — Um dia, hei de tratar disso. As caixas são da casa da minha irmã. Cartas, entende? E fotografias. Coisas de que eu não me quis desfazer.

Barker assentiu com a cabeça. Cruzou os braços, transferiu o peso de um pé para o outro e abriu a boca para dizer algo, mas foi interrompido pelo som da porta da frente a bater com força. Carla deu um salto. A inspetora, a inspetora Chalmers, entrou rapidamente na sala, baixando levemente a cabeça em jeito de pedido de desculpas.

— O Sr. Myerson vem a caminho. Diz que não demora nada.

— Ele mora a cinco minutos daqui — observou Carla. — Na Noel Road. Conhecem? Joe Orton morou lá nos anos 60.

O dramaturgo? Foi lá que foi assassinado, espancado até à morte, julgo eu. Ou terá sido esfaqueado? — Os inspetores fitaram-na, inexpressivos. — Bem, não é... *relevante* — acrescentou Carla. Por um terrível instante, receou dar uma gargalhada. Por que razão teria dito aquilo? Por que motivo estaria a falar sobre Joe Orton, sobre pessoas espancadas até à morte? Não estava *mesmo* nada bem da cabeça. Os inspetores não pareceram reparar, ou não deram importância. Talvez as pessoas se comportassem como loucas quando recebiam a notícia de que um familiar fora assassinado.

— Sabe dizer-nos quando foi a última vez que viu o seu sobrinho, Sra. Myerson? — perguntou Barker.

A mente de Carla estava completamente em branco.

— Eu... *Santo Deus*... Vi-o... em casa da Angela. Na casa da minha irmã. Não é longe daqui; são cerca de 20 minutos a pé, do outro lado do canal, em Hayward's Place. Tenho estado a organizar os pertences dela, e o Daniel apareceu para levar algumas coisas. Ele já não morava lá há imenso tempo, mas ainda tinha algumas coisas no seu antigo quarto, essencialmente cadernos de desenho. Era um artista muito talentoso. Fazia banda desenhada. Novelas gráficas. — Ela estremeceu. — Isso foi há quê, uma semana? Duas semanas? Meu Deus, não me lembro. A minha cabeça está um *caos*. Eu... — Esfregou o couro cabeludo com as unhas, enfiando os dedos no cabelo curto.

— Não tem importância, Sra. Myerson — disse Chalmers. — Podemos obter esses pormenores mais tarde.

— Há quanto tempo estava ele a morar no canal? — perguntou Barker. — Sabe quando é que...

O batente da porta da rua soou alto e Carla tornou a dar um salto.

— É o Theo — sussurrou, já de pé. — Graças a Deus!

Chalmers dirigiu-se para a porta antes de Carla, e conduziu Theo, muito corado e a transpirar, pelo corredor.

— Meu Deus, Cee — disse ele, agarrando Carla e puxando-a para si num forte abraço. — O que é que aconteceu, santo Deus?

Os inspetores explicaram novamente: o sobrinho de Carla, Daniel Sutherland, fora encontrado morto nessa manhã, na embarcação onde estava a morar, perto da De Beauvoir Road, no Regent's Canal; fora esfaqueado várias vezes; o mais certo era ter sido assassinado 24 a 36 horas antes de ter sido encontrado — tinham conseguido estabelecer essa linha temporal. Questionaram Carla e Theo sobre o trabalho de Daniel, sobre os amigos dele, se tinham conhecimento de que ele tivesse algum problema financeiro e se consumia drogas.

Eles não faziam ideia.

— Não eram próximos? — indagou Chalmers.

— Eu mal o conhecia — respondeu Theo, sentado ao lado de Carla, esfregando a testa com o indicador, como fazia sempre que se sentia ansioso.

— Sra. Myerson?

— Não, não éramos próximos. Não... enfim. Eu e a minha irmã não nos víamos com frequência...

— Mesmo vivendo ela do outro lado do canal? — perguntou Chalmers.

— Sim. Nós... — Carla abanou a cabeça. — Eu não convivia com o Daniel há muito tempo. De todo. Desde que ele era criança. Quando a minha irmã morreu, voltei a vê-lo, como já vos disse. Ele tinha estado a morar uns tempos no estrangeiro. Em Espanha, julgo eu.

— Quando é que ele se mudou para o barco? — perguntou Barker.

Carla cerrou os lábios, abanando a cabeça.

— Não sei — respondeu. — Sinceramente, não sei.

— Não fazíamos ideia de que ele estava a morar lá — interveio Theo.

Barker lançou-lhe um olhar sério.

— Mas deve ser muito perto da sua casa. Mora na Noel Road, não é? A cerca de quilómetro e meio da localização do barco?

Theo encolheu os ombros e esfregou a testa com mais força, a pele assumindo um tom rosado junto à linha do cabelo, como se tivesse estado a apanhar sol.

— Certo, mas não fazia ideia de que ele morava lá.

Os inspetores entreolharam-se.

— Sra. Myerson? — Barker olhou para Carla.

Ela negou com a cabeça.

— Não fazia ideia — respondeu, em surdina.

Os inspetores ficaram em silêncio durante imenso tempo, à espera, calculava Carla, de que ela ou Theo acrescentassem algo, dissessem alguma coisa.

Theo assim fez.

— Disse... 24 horas? Foi isso que disse? Entre 24 e 36 horas?

Chalmers assentiu com a cabeça.

— Estimamos a hora da morte algures entre as 20 horas de sexta-feira e as 8 horas de sábado.

— Ah... — Theo tornou a esfregar a testa, olhando pela janela.

— Lembrou-se de alguma coisa, Sr. Myerson?

— Vi uma rapariga — explicou Theo. — No sábado de manhã. Era cedo; talvez umas 6 da manhã. Vi-a no caminho de sirga, junto à minha casa. Eu estava no escritório e vi-a a passar. Lembro-me dela porque tinha sangue. No rosto. E na roupa, pareceu-me. Não estava propriamente ensopada, nada disso, mas... mas tinha sangue.

Carla fitou-o, boquiaberta, incrédula.

— De que é que estás a falar? Porque é que não me disseste nada?

— Estavas a dormir — respondeu Theo. — Levantei-me para ir fazer um café e fui buscar o tabaco ao escritório. Vi-a

pela janela. Era nova, teria pouco mais de 20 anos, e vinha a descer o caminho de sirga. A coxear. Ou talvez a cambalear? Pareceu-me embriagada. Para dizer a verdade, não dei grande importância... Londres está inundada de gente estranha e embriagada, não é? A essa hora da manhã, é costume verem-se pessoas a caminho de casa...

— Ensanguentadas? — indagou Barker.

— Bem, isso talvez não. Com sangue, não. Por isso é que me lembrei dela. Deduzi que tivesse caído ou que se tivesse envolvido em alguma briga. Julguei que...

— Mas porque é que não me contaste? — insistiu Carla.

— Estavas a *dormir*, Cee. Não me pareceu...

— A Sra. Myerson estava a dormir em *sua* casa. É isso? — interrompeu-o Chalmers, de sobrolho franzido. — Passou a noite com o Sr. Myerson?

Carla assentiu lentamente com a cabeça, com uma expressão de perplexidade absoluta.

— Jantámos juntos na sexta-feira, e eu fiquei lá...

— Embora estejamos separados, continuamos a ter uma relação, entende? Costumamos...

— Eles não estão *interessados* nisso, Theo — interrompeu-o Carla, num tom ríspido, e Theo encolheu-se. Carla levou um lenço de papel ao nariz. — Desculpa. Peço *desculpa*. Mas não é importante, pois não?

— Nunca se sabe o que poderá ser importante — retorquiu Barker, num tom enigmático, dirigindo-se para o *hall*. Distribuiu cartões de visita, disse algo a Theo sobre uma identificação formal, sobre ligações familiares, sobre manter-se em contacto. Theo assentiu com a cabeça, enfiando o cartão de visita no bolso das calças, e apertou a mão do inspetor.

— Como é que souberam? — perguntou Carla, subitamente.

— Quer dizer, quem é que deu a notícia... que o encontrou?

Chalmers olhou para o seu superior e depois novamente para Carla.

— Foi encontrado por uma mulher — respondeu.

— Uma mulher? — indagou Theo. — Uma namorada? Era nova? Magra? Estou a pensar na pessoa que vi, aquela com o sangue. Talvez ela...

Chalmers abanou a cabeça.

— Não. Foi uma moradora das embarcações, no canal. Não é jovem; eu diria que é de meia-idade. Reparou que o barco estava ali ancorado há algum tempo e foi lá ver o que se passava.

— Então, ela não viu nada? — perguntou Theo.

— Na verdade, o seu testemunho foi bastante útil — respondeu Barker. — É uma mulher muito observadora.

— Ótimo, ótimo — comentou Theo, esfregando a testa.

— É uma tal de Sra. Lewis — acrescentou Barker.

— Menina — corrigiu-o Chalmers.

— Exato. Menina Miriam Lewis — disse ele.

Carla viu a cor a esvair-se do rosto de Theo ao ouvir aquilo.

«Depois do labirinto emocional e de suspense de *A Rapariga no Comboio*, *Um Fogo Lento* vai mais longe sem sair do centro de Londres, o cenário perfeito para um conjunto de personagens que a memória do leitor vai guardar, por muitos policiais que leia.»

João Céu e Silva, *Diário de Notícias*

Um homem é encontrado brutalmente assassinado em Londres, dentro de um barco, o que levanta uma série de questões sobre três mulheres que o conheciam.

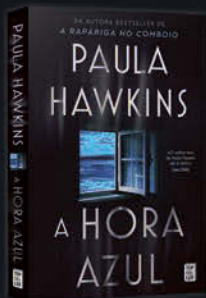
Laura é a jovem problemática que foi vista pela última vez com a vítima. Carla é a tia inconsolável, ainda de luto por outro familiar falecido pouco tempo antes. E Miriam é a vizinha bisbilhoteira que encontrou o corpo coberto de sangue, mas que claramente esconde segredos da polícia.

Três mulheres com ligações distintas a este homem. Três mulheres consumidas pelo ressentimento que estão ansiosas por se vingarem do mal que lhes foi infligido. E, quando toca a vingança, mesmo as melhores pessoas são capazes dos atos mais terríveis.

Até onde irão estas mulheres para encontrar a paz de espírito? E durante quanto tempo podem os seus segredos arder em fogo lento antes de irromperem em chamas descontroladas?

Com a mesma força com que cativou dezenas de milhões de leitores em *A Rapariga no Comboio* e *Escreto na Água*, Paula Hawkins desenvolve brilhantemente uma história inesquecível de segredos, assassinio e vingança.

**LEIA
TAMBÉM:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-502-1



9 789895 965021